

anxa
91-B
23730

Conde de Paçô-Vieira

Azulejos de Collaço



PORTO
IMPrensa PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112

—
1916



7220

Azulejos

de

Collaço

Conde de Paçô-Vieira

Azulejos de Collaço



PORTO
IMPrensa PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112

—
1916

A edição d'este folheto é de 35 exemplares numerados,
todos fóra do mercado.

Exemplar N.º 29

Ao meu velho Amigo
J. B. de Lima Jr.

com a mais admiração
respeito e sincera
estime

Praia, 29/9/86.

Alves Vieira

A Jorge Collaço

.....
*Ao maior coração que hei pressentido
No mais leal e nobre peito humano.*

*Ao estro fôrte, que de inglorio damno
Foje sonhando em bemfazejo olvido!*
.....

BRANCA DE GONTA

Canções do Meio Dia.

O. D. C.

O autor.



Azulejos de Collaço (*)

A York-House em 1897 — O Barão de Macnamára — Caricatura que é retrato — Sete anos depois — A exposição de pintura da Sociedade de Belas Artes em 1904 — Os azulejos da Escola Medica de Lisboa — Emygdio Navarro e a decoração artistica do Bussaco — O retrato de Lord Wellington — Os paineis da Estação Central do Porto — Influencia da obra artistica de Collaço na pintura do azulejo.



QUANDO eu, em 1897, estive em Lisboa hospedado na *York-House*, uma encantadora pensão ingleza ás Janelas Verdes, fui companheiro do Barão de Macnamára, nosso antigo Ministro em Marrocos, um velho muito sim-

(*) Do livro inedito **No meu tempo** (*Memórias*).

patico e muito amavel, primorosamente educado, de grandes bigodes á Napoleão III. Ficava á meza de frente de mim e acompanhava-o sempre uma filha de olhos pretos, com quem conversava em arabe. Ás vezes, ia jantar com êles um rapaz morêno, de gravata á Lavallière, que tambem falava arabe e que se entretinha a fazer a caricatura dos hospedes, na sua maioria inglezas deliciosas. Era o filho Jorge Collaço.

Foi ali que ó conheci, apresentado pela irmã, n'um dia abrazador de Julho, para eu decidir se o desenho que lhe tinha trazido de fóra era com efeito a sua caricatura, como êle dizia, ou o seu retrato, como ela teimava.-Já me não lembro a qual dei razão; mas recordo-me ainda perfeitamente de que ficamos depois os trez a tarde inteira no jardim a conversar, vendo correr os barcos no Tejo, d'uma serenidade de lago.

Longos anos passaram sem que

nos voltássemos a vêr, e durante êles Jorge Collaço fez-se um grande artista. De forma que, quando em 1904, na exposição de pintura da Sociedade de Belas Artes, nos encontramos, eu Ministro das Obras Publicas acompanhando El-Rei, êle membro da comissão directora fazendo as honras da casa, foi com verdadeiro prazer que lhe apertei a mão e recordei o tempo em que tínhamos sido companheiros. Expunha êle uns lindos paineis de azulejos, que logo á entrada me deram na vista e de que El-Rei, pintor de altissimo merecimento, gostou muito. N'essa época, raro era o numero do *Suplemento*, em que não vinha a minha caricatura acompanhada de artigos humoristicos, desagradaveis e injustos. Porisso, quando á despedida Jorge Collaço, seu director, me pediu uma conferencia no Ministerio, fiquei deveras intrigado, e cheio de curiosidade marquei-a logo para o dia seguinte.

—Que me quererá o Collaço, perguntava eu, ao entrar na carruagem, a Carlos Malheiro Dias, meu secretario, que me tinha acompanhado á exposição?

Malheiro Dias, porém, estava como eu. Não sabia nem imaginava coisa alguma. E, com muito bom senso, aconselhou-me a não pensar mais no caso; porque, dizia êle, não valia a pena perder tempo em conjecturas, quando d'ali a vinte e quatro horas tudo se havia de esclarecer. E assim foi. Jorge Collaço appareceu no dia seguinte pontualmente no Ministerio á hora marcada, muito solemne, de chapéu alto de aba direita e sobrecasaca preta irreprehensivel, sobre cujas bandas flutuava a sua arrogante Lavallière.

Começou por me explicar, com absoluta lealdade, a rasão das minhas caricaturas, algumas constrangidamente feitas, verdadeira surpresa para mim, que desconhecia

os bastidores do jornal; e terminou por me contar a sua vida, os seus projectos e as suas aspirações. Um filho não falaria ao pae com mais sinceridade. Estava cansado de fazer caricaturas, que afinal nem arte eram e que quasi sempre saíam envenenadas pelos seus inspiradores. Era verdade que ganhava muito; mas para os desgostos que ao seu coração e até á sua consciencia algumas d'elas tinham causado, não havia compensação possivel. De mais, um artista precisava de ser independente para poder crear, porque sem independencia não havia inspiração, e elle era um escravo: tinha de pintar o que lhe mandavam. Isso repugnava-lhe. Estava saturado. Tendo estudado a fundo a pintura do azulejo, sentia-se com forças para tentar o ressurgimento d'este genero de decoração tão belo e tão portuguez, completamente desprezado, quasi esquecido. Mas sósinho não podia, porque era

pobre... Vinha pedir ao Ministro das Obras Publicas que o ajudasse.

Ouvi-o encantado, sem o interromper uma unica vez, durante todo o tempo que falou. E no fim, profundamente impressionado, disse-lhe:

—Já sabia que V. Ex.^a era um bom pintor. Fiquei agora sabendo que é tambem um bom character. Descance. Vou ajuda-lo.

E acompanhando-o até á porta do gabinete, acrescentei:

—Mas com uma condição: ha-de continuar a pintar-me como até aqui e ha-de guardar segredo d'esta conferencia. Se não, nada feito.

Aceitou. E ambos cumprimos. Eu continuei a vir no *Suplemento*, de todas as fórmias e feitios; êle obteve, dias depois, a decoração de uma sala da Escola Medica de Lisboa, que me agradeceu na seguinte interessante e bem escrita carta:

Lisboa, 16/6/1904.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Meu muito presado amigo:

Depois de muita luta e muito anseio, tenho enfim tido uma semana de esperança e de alegria: o Snr. Meneses, com quem hoje estive na Escola Medica, deu-me uma sala esplendida, e o Snr. Ventura Terra, a quem antes de hontem procurei, acolheu com entusiasmo a ideia de V. Ex.^a sobre o atrio da Camara dos Deputados e incumbiu-me mesmo de o dizer a V. Ex.^a.

Ora tudo isto eu devo á singular amabilidade com que V. Ex.^a me acolheu; e confesso a V. Ex.^a que mesmo que eu nada tivesse conseguido, essa amabilidade bastava, tão lhana, tão captivante, para me penhorar para além de tudo

o que me é possível expressar a V. Ex.^a com palavras.

A titulo de informação, e sem sombras de importunidade, permitir-me-hei dizer a V. Ex.^a que no caso de V. Ex.^a desejar inaugurar a Camara em Outubro, já com as campanhas da liberdade, eu me posso comprometer a dal-as a tempo promptas. Umas campanhas de louça, sim, mas que podem atravessar incolumes outras campanhas de carne e osso e lingua e a campanha eterna do tempo. Com estima e consideração me confesso,

De V. Ex.^a

Amigo e admirador obrigadissimo

Jorge Collaço.

Foram cinco os paineis pintados para a Escola Medica, e todos êles saíram perfeitos. O primeiro representa *a Rainha Santa Izabel curando os leprosos*; o segundo *a Rainha Senhora D. Amelia no Dis-*

pensario de Alcantara; o terceiro Ambroise Paré no campo da batalha; o quarto o popular João Semana, de Julio Diniz e o quinto A Sciencia afugentando a Ignorancia.

O exito d'estes trabalhos foi colossal. Lisboa inteira passou pelo atelier da rua de D. Pedro v, em verdadeira romaria, para admirar primeiro os esquiços e depois os proprios azulejos, ali expostos gratuitamente ao publico. E, coisa curiosa, os alfacinhas que a principio, desconfiados e incredulos, perguntavam ingenuamente se o autor da figura bonacheirona de João Semana era o mesmo, que no *Suplemento* tanto os fazia rir com as suas mordazes caricaturas, entusiasmaram-se de repente, e aclamaram Jorge Collaço o seu artista predileto. E as encomendas começaram. O Conde de Sabugosa quiz um painel com o seu brasão d'armas e figuras allegoricas, para a opulenta biblioteca do seu palacio de Santo

Amaro. O Marquez da Foz silhares para a sua linda casa de Torres Novas. Madame Adam um muro inteiro dos seus queridos jardins de Bruyères, coberto de azulejos portuguezes. O Marquez de Soveral um enorme painel tripartido, para oferecer a Eduardo VII. Um nunca acabar.

De um dia para o outro tornou-se moda ter azulejos de Colação. E, como não ha nada mais despotico nem mais contagioso do que a moda, o artista viu-se impossibilitado de satisfazer as encomendas, tantas elas eram, por falta de tempo.

Coincidiram estas exposições com a vinda a Lisboa de Emygdio Navarro, que estava veraneando em Luso, e que ha muito dirigia as obras do Bussaco, para assistir á reunião dos artistas encarregados da decoração do Grande Hotel, em que deviam ser apresentados os projectos definitivos. Essa reunião

é uma das coisas mais curiosas e mais divertidas a que na minha vida tenho assistido; mas pouco n'ela se resolveu. Emygdio Navarro, aborrecido com o esboço da decoração de um teto, onde o pintor, na melhor das intenções e com o mais louvavel sentimento de gratidão, o tinha posto, entre varias personagens, apontando de dedo estendido para um pergaminho em que se viam deliniadas as obras do edificio, declarou sentir-se incomodado e pediu-me para levantar a sessão. Nada mais justo, por mil razões diferentes, do que esta consagração publica no Bussaco a quem o Bussaco tudo devia e que era um homem verdadeiramente superior; mas Emygdio Navarro, cansado e doente como andava e já com principios da terrivel neurastenia que mezes depois o aniquilou, não o comprehendeu assim; recebeu o ridiculo; e a reunião teve de ser adiada e o projecto posto de parte.

Logo que ficamos sós, pensamos em Jorge Collaço e falamos dos seus azulejos, então tanto em voga, acabando por combinar irmos os dois d'ali a dias vê-los. Por quaesquer motivos, eu não pude ir e Emygdio Navarro foi sósinho. Mas em tão bôa hora para Jorge Collaço êle foi, que, pouco depois, cheio de admiração pelo seu talento e já de bom humor, me escrevia esta engraçada carta:

Luso, 20 de Julho de 1904.

Meu caro Alfredo.

Reservada.

Ahi vai o projecto do contracto com o Jorge Collaço—em expedição á parte, mas n'este mesmo correio.

Eureka! Achei o meu homem.

Comprehendeu perfeitamente o que eu desejava e que V. queria;

o que debalde tentei varias vezes meter a picareta na cabeça do ***. Não seria defeito de intelligencia artistica, da parte d'este; mas preguiça para trabalho de grande folego, e repugnancia acentuada, que êle sempre manifestou pelo trabalho dos azulejos.

Pela simples exposição do contracto, verá V. que vamos fazer uma coisa maravilhosa. Será o *clou* da ornamentação artistica do Bussaco, e que apagará as fraquezas de outros trabalhos... bem dignos de melhor sorte.

Isto, é claro, se V. concordar com o programma, pois que V. é o Senhor e mandão. Mas eu assassinava-o, se me recusasse esta satisfação ao meu Bussaco que tambem ficará sendo seu.

O preço é um pouco subido, posto que abaixo dos borradores-pintores. O *** que provavelmente já contava descartar-se dos azulejos tinha descarregado este traba-

lho á custa do de pintura. Além d'isso no nosso programa, entra mais do triplo da obra do programa primitivo, em superficie; e em inovação é vinte vezes mais. Basta atender a que os motivos da galeria teem de ser variados, de arco para arco, em quanto que no *** era sempre a repetição do mesmo motivo. A imaginação não lhe dava para mais. Outra variante: O Collaço toma para si *todas* as despesas accessorias, absolutamente todas, até assentamento e entrega definitiva. Em suma: relativamente, o Collaço não fica mais fartamente remunerado que os pintores, atendendo á importancia e magnitude do trabalho; e em absoluto... ha agora dinheirame á farta, para não terem de se chorar os miseros sete contos que com isto se gastam. Outros se hão-de gastar em obras, bem peor empregados.

Como V. vê, meu querido Alfredo, estou enthusiasmadissimo com

o Collaço e com o emprestimo dos Tabacos, que dá dinheiro para se lhe pagar. Veja V. se ferra agora a unha para liquidar os debitos do seu Ministerio, que são uma vergonha. Abraça-o o

Seu am.º m.º dedicado

Emygdio Navarro.

P. S. Suplico-lhe a *maxima urgencia* na feitura e assignatura do contracto. Assim é preciso para adeantar tempo, e tambem por que estou com mêdo de que V. mude de pasta.

E. N.

Apezar de ter sido preciso mandar vir de Londres, directamente pedidos ao Duque de Wellington e de Victoria, os retratos do seu avô e um sem numero de esclarecimentos, para que tudo ficasse rigosamente exacto, decorridos apenas dois mezes, já Collaço tinha

feito os esquiços de todos os painéis e pintado alguns d'êles, tal era a febre com que trabalhava. Mas se Collaço não tinha repouso, Emygdio Navarro também não descansava, e, cada vez mais entusiasmado, continuava a escrever-me cartas espirituosas como esta, que seria pena deixar inedita:

Luso, 16 de Novembro de 1904.

Meu caro Alfredo.

Estimei sobremaneira que o meu amigo—amador de auctoridade em coisas de arte—gostasse do trabalho do Collaço. Que êle tem talento é fóra de duvida. Restava saber se teria execução. Vejo que estamos salvos: V. de ter feito o contracto, e eu de o ter metido n'essa camisa de onze varas.

Concordo com as modificações, que V. indica, e pôde dizel-o ao

Collaço, se ha urgencia de tempo, para êle assim ordenar o trabalho.

Só não estamos de acordo na critica ao

Lord
W.

V. talvez embirrasse com o W., por trazer á ideia a precedencia... do C. Mas, com esta falta, não ha perigo de *schoking*.

Eu lhe explico. Aquela *legenda* foi de expressa indicação minha.

V. provavelmente desconhece, como eu desconhecia antes de *piocher* no assumpto, o *anglezismo*, que a justifica. Em Inglaterra, a suprema consagração para o homem publico — e á qual poucos chegam — é *ser designado pela inicial do seu nome*. Lord Wellington teve essa suprema distinção. E é essa a razão da legenda — para acentuar esse alto significado. Se não fôra isso, fôra melhor, como V. indica, não pôr legenda alguma, porque

se não põem nos retratos, para os não diminuir. Aquela acrescenta-o.

Estou justificado? Creio que sim. V. V. ahi em Lisboa, como são poços de malicia em tudo vêem alusões perfidas. Foi o que lhes succedeu com o final do artigo *Historias*. O artigo não é meu. Escrevi o primeiro sobre o *Porto de Lisboa*, e o das *Historias* é do Colen. Ora, como V. sabe, o Colen é tudo quanto ha de mais avesso a insinuações maliciosas e a picadinhas. Sahiu-lhe assim, por calhar, e mais nada. Abraça-o o

Seu am.^o m.^{to} obg.^o

Emygdio Navarro.

Se já na execução dos azulejos da Escola Medica, Collaço tinha posto um grande amor, os do Busaco pintou-os ainda com mais carinho e com mais firmeza. N'estes paineis, onde ha dez episodios tirados dos dez cantos dos Luziadas e tres

dos Autos de Gil Vicente; a batalha de Ormuz e a tomada de Ceuta; varias scenas das Campanhas peninsulares; um motivo sobre Bernardim Ribeiro e o retrato de Lord Wellington, tudo é belo e grandioso. A profecia de Emygdio Navarro de que esta ornamentação seria uma coisa maravilhosa, cumpriu-se. Era um facto. E tão real, que nunca mais foi ao Bussaco inglez rico e de bom gosto, que não encomendasse a reprodução de algum d'esses admiraveis azulejos.

Nenhuma, porém, d'estas decorações é a obra primacial de Jorge Collaço, apesar de serem ambas esplendidas. Onde o seu grande e multiplo talento se manifestou plenamente e onde elle revelou todo o seu elevado sentimento artistico, foi nos azulejos da Estação Central do Porto. Trabalho de difficil concepção, pela vastidão do edificio e pela variedade dos assumptos, deulhe, porisso mesmo, ensejo de bri-

lhar a toda a luz. E com efeito brilhou tanto, que o seu nome pôde hoje pôr-se, sem sombra de favor, ao lado do de Francisco de Mattos, o celebre pintor dos azulejos de S. Roque ou do de Antonio de Oliveira, que em 1711 decorou de alto a baixo de azulejos maravilhosos a Igreja d'Evora, tal qual como Jorge Collaço havia de fazer mais de cem anos depois, ao grandioso salão da Estação Central.

Ha n'esta decoração, além de quatro paineis historicos, dez regionaes e oito com figuras allegoricas, um largo friso polycromo formosissimo, representando a evolução, atravez dos seculos, dos diversos meios de transporte, desde o carro assyrio á moderna locomotiva, que só por si faria a reputação do autor. Tem todo elle tanta levêza e tanta graça e está feito com uma combinação tão feliz de côres, que vê-lo é os olhos repouzarem encantados. Para

mim é mesmo a parte mais artistica de toda a ornamentação. Os paineis historicos, pintados com grande largueza e impecavel rigôr, são evocações do nosso glorioso passado, paginas brilhantes d'outros tempos, verdadeiros quadros nacionaes. Chamam-se: *A batalha dos Arcos de Val-de-Véz*; *As bôdas de D. João I no Porto*; *O Infante D. Henrique em Ceuta*; *Egas Moniz perante o Rei de Castella*. Simbolos felizes da bravura e do amor, do heroismo e da honra, não são simples pinturas para vêr e passar, correndo; são lições de util ensinamento e grandioso exemplo, que se devem meditar, aprender e seguir.

Os paineis regionais, onde o pincel magico de Collaço imprimiu fundo a nota provinciana, esses são trechos flagrantos dos nossos campos e das nossas aldeias, tão cheios de côr local e de verdade, que sente-se palpitar vida em todas as figuras.

Uma romaria; Uma procissão; A ceifa; A vindima; As assadeiras de castanhas; A condução no Douro; Os moinhos; Uma promessa; A feira do gado; A fonte milagrosa são os titulos d'estes dez paineis, outras tantas encantadoras paisagens mi-nhotas ou transmontanas, suavemente pintadas a azul e branco.

Completam a ornamentação oito formosos quadros a côres, representando quatro as estações do ano e os outros *O Comercio, A Industria, As Artes e A Muzica*, e largas fachas de azulejos arabes, que marcam por assim dizer, a sigla inconfundivel do pintor, e que, ao mesmo tempo que dividem graciosamente os paineis os fazem realçar pelo contraste dos tons.

Jorge Collaço foi toda a vida um artista consciencioso e um trabalhador com exito. Nunca, porém, fez nem fará obra d'arte superior a esta.

E é de certo por isso que êle,

não obstante azulejos seus cobrirem paredes do Castelo real de Windsor, considera as decorações da Escola Medica, do Bussaco e da Estação Central do Porto os seus melhores trabalhos, e esta a sua corôa artistica.

E tem razão, porque se em verdade a ultima é superior ás outras, é certo tambem que foi o seu conjunto, foram elas todas, que conseguiram realisar o milagre do resurgimento da pintura do azulejo em Portugal.



91-B23730

GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00010 6803

